

Assumir a sombra para iluminar novos tempos...

“Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes” (Mt 25, 40).

Certamente não poderia me calar, mesmo que já extremamente explorado e massacrado pela imprensa, uma reflexão e um posicionamento, talvez profético, sobre os escândalos de abusos sexuais em crianças, infelizmente cada vez mais frequente no mundo de hoje, praticados por adultos desequilibrados e desintegrados psicoemocionalmente. São pais, padrastos, tios, professores, padres, enfim, pessoas que, ao invés de serem protetores e orientadores desta criança, usam de sua posição de respeito para cometerem tamanhas atrocidades.

Confesso que, mesmo não tendo a inocência de achar que estes fatos são irreais, sobretudo se levarmos em conta realidades mais afastadas e abandonadas do nosso país e do mundo, embrulha minhas entranhas e me faz mal assistir ou ouvir falar desses abusos.

Antes de mais nada, ao tratar especificamente de padres pedófilos, não nos esqueçamos que há um interesse claro da mídia para massificar esses casos, que são uma minoria dentro do clero e paremos de associar pedofilia apenas aos clérigos.

O que mais me interpela nesse assunto, não é o fato de um sacerdote cometer uma barbaridade desta, mas a falta de clareza em discurso e, sobretudo, em ações concretas por parte das autoridades eclesiais. Ouvimos falar de uma carta do Papa escrita para aos padres da Irlanda, aliás uma carta bem firme e iluminadora, condenando avidamente os abusos cometidos por alguns padres desse país, da criação de disquete-pedofilia e, ao mesmo tempo, ouvimos outras autoridades eclesiais com discursos conturbados, como associar pedofilia a homossexualidade.

O que está no pano de fundo desta polêmica toda é o medo de assumir concretamente a própria sombra, para conseguir superá-la, gerando toda esta confusão. Considerando como sombra toda a realidade cruel, limitada, egoísta e fechada que existe em cada um de nós, e por conseguinte, em nossas instituições. Faz lembrar das historinhas infantis do Peter Pan, onde a sombra parecia uma realidade a parte e independente da pessoa, com vontade e vida própria. Sim, essa realidade feia, era negada, assim como inúmeras vezes insistimos em fazer. Num contexto do faz-de-conta infantil e na infância, tal comportamento é compreensível, pois faz parte do processo de amadurecimento psico-afetivo de qualquer pessoa, mas não para uma senhora com aproximadamente dois mil anos de vida e com um certo grau de amadurecimento.

Servindo-me das palavras de uma grande amiga minha, Vania Kampff, que também é bacharelada em Teologia na PUC-Rio, continuo nossa reflexão: “Somos Igreja, parte deste corpo místico que tem como cabeça o próprio Cristo. Se por um lado vivemos a glória da presença vivificante do Ressuscitado, somos também obrigados a participar, mesmo que indiretamente, deste escândalo que macula nossa comum-unidade: padres pedófilos molestaram e continuam molestado crianças. Nosso corpo está doente. Nossa unidade está quebrada. Não só porque habitam em nosso corpo místico pessoas capazes de aniquilar a inocência de uma criança, mas, sobretudo, porque ali residem aqueles que, pelo poder, se calam e destroem o Reino que deveriam anunciar. Não consigo imaginar quem está mais doente. Apodrece a alma que abusa da candura e da castidade infantil, mas também a alma que encobre o fato.

Sempre que me deparo com algo inquietante, me pergunto como Jesus agiria. Esta tem sido, ao longo da minha conversão, a deixa para o meu agir. Não que eu consiga caminhar na trilha de Jesus o tempo todo, mas sei bem qual é o Caminho, e se não o faço

é porque minha liberdade teima muitas vezes em ter o seu próprio querer. Ao me indagar a reação de Jesus diante desses fatos, quase que posso ver a ira em seu rosto, quase que posso ouvir a sua voz. Assim como ecoa em meu peito a Sua Palavra. Nós, Igreja, esperamos que surja por parte do clero uma voz que clame pelos inocentes e oprimidos, esperamos por parte daqueles que assumiram o compromisso de edificar o Reino um 'Basta!'. Mas nossos ouvidos permanecem vazios, e nossos corações indagam o que aconteceu com os representantes do Cristo.

Quem falará por nós? Quem será a nossa voz? É por demais ultrajante saber que esta violência silenciosa ocorreu e ainda ocorre em baixo do olhar de todos! Apenas se muda o ofensor de lugar, como peça de um tabuleiro, como se lá, naquele outro lugar, esta ofensa não fosse mais ocorrer. Quantos anos de abuso e de descaso precisamos para que uma voz se levante e diga: 'Fora! Respeitem a casa do meu Pai!', como fez Jesus ao expulsar os vendilhões do Templo. É preciso que todos estes que venderam suas almas também sejam expulsos! É preciso que o clero se manifeste claramente e se purifique de todos os que apodrecem a nossa carne.

O mínimo que podemos fazer, como Igreja de Cristo, é manifestarmos nossa indignação, lembrando que é nosso dever como cristãos levarmos o Evangelho, a mensagem salvífica de Jesus, ainda que muitas vezes nossos padres não consigam fazê-lo”.

Como cada um de nós, por vezes, podemos cometer ou já cometemos atos vergonhosos, esse corpo místico que pertencemos, que é a Igreja, não está livre disto, mesmo que seja numa parcela mínima. Também cabe a nós deixarmos de lado o dualismo que ainda reina nos nossos dias, que constrói um muro divisor entre o profano e o divino, a ação e a oração, o leigo e o clero, e buscar a solução adequada para todos os que cometem pedofilia: afastamento do convívio social (prisão) e submissão a um tratamento adequado para tentar tratar tal distúrbio, independentemente se esta pessoa seja um religioso ou sacerdote ou tenha qualquer função eclesiástica.

Cabe a cada um de nós, assumir com serenidade e maturidade esta realidade sombria, para que juntos possamos continuar nossa caminhada em comum-união buscando, com todas as forças e sinceridade, a realização do Reino já neste mundo, mesmo que ainda não seja de forma plena. Espelhemo-nos nos exemplos históricos onde, somente quando os momentos sombrios da crise foram assumidos com seriedade, fomos capazes de dar novos passos libertadores. Que esta crise sirva para iluminar novos tempos que virão para que possamos, cada vez mais, refletir a luz de Cristo, sendo seu sinal no mundo.

Leonardo Núñez de M Reis
Bacharelado em Teologia na PUC-Rio
leonardo.reis@gmail.com